

Homero Moro Martins
(INCRA-SP)

Há muitos méritos no livro de Fernando de Luiz Brito Vianna, o “Fedola”. O primeiro e mais evidente é a própria publicação da obra: *Boleiros do Cerrado*, fruto reformado de uma dissertação de mestrado e de trabalho de campo em uma aldeia xavante, é o primeiro estudo etnográfico aprofundado sobre a prática indígena do futebol, tão disseminada entre os ameríndios e apenas mencionada – em notas de rodapé ou parágrafos –, em dissertações e teses da etnologia indígena. Preenche, desse modo, considerável lacuna na literatura antropológica brasileira.

Só isso já vale uma leitura atenta, em especial de todos aqueles interessados nas dinâmicas indígenas de incorporação das coisas e artefatos culturais dos brancos, tamanho o alcance do futebol no cotidiano dos grupos indígenas no Brasil. Mas o livro de Fedola, graças a um ótimo aproveitamento do material etnográfico levantado no (relativamente curto) período de campo, se debruça também sobre debates a princípio imprevisíveis, resvalando em temas consagrados da etnologia dos grupos jê e também na mito-história xavante, sempre com grande vigor analítico.

Chama a atenção, primeiramente, o tratamento meticuloso que o autor dedica à sua própria inserção no campo, como pesquisador. A sua breve experiência como jogador profissional e a amizade com um xavante na faculdade, na cidade de São Paulo, foram os fatores que credenciaram Fedola a ser convidado para um período na aldeia Abelhinha, na Terra Indígena Sangradouro, sob condições algo inusitadas: uma espécie de instrutor do time local, passando sua experiência de ex-jogador profissional aos boleiros xavantes, interessados em aprender os macetes do esporte dos *waradzu* (os brancos) e praticá-lo, na aldeia ou nas cidades próximas. O trajeto que engendrou a pesquisa é foco do primeiro capítulo, mas não se limita a isso. O interessante é que, refletindo ao longo de todo o texto sua inserção em campo, Fedola expõe claramente ao leitor as possibilidades e também os limites colocados pela condição de “pesquisador-futebolista”, sem, entretanto, cair em insolúveis dilemas etnográficos, reiterados por uma ou outra corrente teórica.

Como pesquisador-futebolista (duplamente “em campo”, portanto), o autor pôde abordar a prática do futebol xavante a partir de seus diferentes “planos” – contextos da prática – e “aspectos” – características recorrentes em mais de um

plano. De fato, há desde o jogo de bola cotidiano nas aldeias, passando pelos campeonatos internos à área de Sangradouro e à participação de equipes (exclusivamente ou majoritariamente) xavantes para disputar torneios nas cidades da região. Além disso, os xavantes assistem e acompanham atentamente o futebol profissional pelo rádio e pela televisão, assim como vislumbram a condição de jogador profissional como um meio privilegiado de participação no mundo dos *waradzu* e suas coisas.

Em meio a estas diferentes maneiras de praticar o esporte, o autor discute diferentes “aspectos” recorrentes do futebol xavante – a obtenção dos uniformes de jogo, a relação do futebol com a espacialidade das aldeias, a formação das equipes, os sentidos da vitória e da competição para os xavantes. Generalizações apressadas – e tentadoras – são oportunamente evitadas por Fedola. Se a questão dorsal do livro é desvendar os significados do futebol para os xavantes (ou para os xavantes da aldeia Abelhinha, como ressalta o próprio autor), a leitura torna evidente aquilo que é chamado, a certa altura, de “rebeldia do objeto”. Relatos históricos dos próprios xavantes sobre a introdução do esporte pelas missões salesianas, além de entrevistas com diferentes personagens e praticantes do futebol de Sangradouro revelam as suas múltiplas interpretações para o grupo, bem como suas interações com o mundo da política aldeã e da cosmologia indígena.

É também em relação a estes “aspectos” destacados por Fedola que emergem as clássicas questões que perpassam a etnologia dos grupos jê, observadas sob a ótica do futebol. O que a bola pode dizer, por exemplo, sobre a sua famosa combinação sócio-política de dualismo e faccionalismo? Fedola mostra que o futebol dialoga com elementos consagrados da organização social xavante, mas em diferentes níveis e variáveis intensidades. Com efeito, tanto o sistema de metades de classes de idade (e as conseqüentes relações de cooperação e rivalidade que instala) quanto as dinâmicas do faccionalismo político e das linhagens patrilineares são relevantes para a formação dos times em Sangradouro. Ainda assim, são perpassados também pela influência de atores políticos típicos da cena esportiva, os “dirigentes”, que negociam os “passes” de determinados jogadores. Outro exemplo são os materiais esportivos, que podem ser apropriados por esquemas tradicionais de circulação e reciprocidade de bens (como a prática do *warãtsi’rã*), ou serem obtidos através de relações com políticos não-índios nas cidades.

O debate com as teorias clássicas também norteia a revisão teórica tecida pelo autor a respeito de uma eventual “ritualização” do futebol indígena. Fedola toma, de um lado, a descrição feita por Maybury-Lewis das corridas de toras xavantes, na qual destaca a tendência ao equilíbrio e seu caráter não-competitivo. Complementando, de outro lado, as proposições de Lévi-Strauss a respeito de jogo e rito, respaldadas no futebol praticado pelos gahuku-ghana da Nova Guiné, que jogavam por dias até empatar. Lévi-Strauss destacava o caráter conjuntivo do futebol indígena, assemelhando-o às características que perfazem os ritos, mais do que às características disjuntivas dos jogos competitivos modernos. As conclusões da pesquisa de Fedola mostram uma relação bastante diferente dos xavantes com os jogos e a competitividade, levando-o a uma interessante comparação entre o futebol e as tradicionais corridas de toras. Em ambos os casos, Fedola ressalta que a busca pela vitória está sempre presente e que os xavantes não correm – ou jogam – para empatar, em oposição às conclusões de Maybury-Lewis e Lévi-Strauss. Sinal de transformação? O próprio autor se pergunta se é o caso de dizer que a introdução do futebol teria “competitivizado” as corridas de toras xavantes. Mas isto implicaria em pressupor um ponto de partida originário, ritualizado desta prática (como supõe Maybury-Lewis), hipótese que Fedola rejeita. Antes, reitera que as relações entre o futebol e as toras de buriti apontam que “não há porque preestabelecer uma

contradição entre *ser cerimônia e ser competição*” (p. 220), ao que ele mesmo pondera: “tanto a leitura xavante do futebol por meio de um ideário que se associa às corridas de toras como o seu reverso – a ‘bolização’ das toras, por um lado, e a ‘torização’ da bola, por outro, para seguir com os neologismos – são processo paralelos, e, por si sós, rituais” (p.233).

Este raciocínio é aprofundado, com especial atenção ao futebol, no capítulo 7, que inicia como o autor indagando sobre as continuidades e transformações do futebol praticado na Terra Indígena Sangradouro desde sua introdução pelos salesianos, na década de 1950, para demonstrar como as noções de “tradição” e “novidade” são arquitetadas pelo próprio pensamento nativo, com especial referência à figura dos velhos, reiteradamente “tomados como fonte de legitimidade para expressar algo que se pensa como tradicional ou como propriamente xavante” (p. 237). Desemboca então em uma digressão mito-histórica, na qual diversas narrativas xavantes são empregadas em uma breve análise estrutural para demonstrar, por um lado, o papel criador/transformador dos membros da categoria de idade *wapté* (aqueles prestes a passarem pelo *danhôno*, iniciação masculina à vida adulta), que acabaram sendo os responsáveis pela introdução do futebol aos mais velhos, trazendo-o às aldeias diretamente do internato da missão salesiana; por outro, a base mítica sobre a qual se assenta o comportamento “pendular” das relações xavantes, sempre alternando entre um pólo “positivo” (amizade, cooperação) e “negativo” (desavenças, inimizade). É essa “dinâmica oscilatória” que, segundo Fedola, rege as atuais relações entre os xavantes e os não-índios: “relacionar-se com os ‘brancos’ pode ser uma questão tanto de administrar uma *inimizade* como buscar laços pensados em termos positivos e de *identificação*” (p. 272).

De repente, estamos de volta ao futebol, pois chama a atenção do autor o fato dos xavantes jogarem não só contra, mas também com os brancos, por vezes atuando nos mesmos times, tornando mais difícil caracterizar uma “etnização” do jogo. Não se trataria, então, de uma guerra atenuada ou ritualizada. Antes, o futebol xavante expressaria, no rol de relações estabelecidas com uma variada gama de atores, um ideal de relação com os *waradzu* que não se resume à predação e à inimizade, privilegiando, ao invés, um “*estar junto*”, um compartilhar não só das coisas dos brancos (objetivação), mas também de certos modos de ser branco (subjetivação), algo que a própria aspiração dos xavantes a terem um jogador nas fileiras do futebol profissional pode exemplificar. Trata-se de um pensar xavante sobre o jogo tão típico dos *waradzu*, mas também, segundo o autor, de uma espécie de aculturação reversível, manifesta nas práticas corporais afeitas ao jogo, na qual o futebol se revela “uma maneira de os índios tensionarem e dramatizarem a oposição *xavante/branco*, experimentando-a nas duas posições, transitando entre uma e outra” (p. 276). Revela-se assim como o futebol serve de arcabouço para uma ampla discussão sobre as transformações indígenas, e aquilo que Fedola chama de “projeção [xavante] em direção à alteridade *waradzu*” (p. 297).

Finalmente, no último capítulo, o autor reagrupa conceitualmente a ênfase (recorrente ao longo de todo o texto) nos múltiplos espaços de agencialidade e interação social dos xavantes – articulando contatos e estudando em São Paulo e outras capitais, jogando bola nas cidades do entorno da Terra Indígena Sangradouro – para esboçar uma abordagem analítica renovada da sociedade indígena em pauta: menos como entidade discreta, mais como uma “meta-sociedade” abrangente, que se faz e refaz conforme as relações sociais que são construídas em diferentes espaços onde estejam os xavantes. O futebol é expressão privilegiada desse modelo de meta-sociedade xavante, mas não só isso: é também objeto fundamental da reflexão dos índios sobre seus moldes de interação com os brancos, descritos acima; revela ainda um potencial xamânico, enquanto instrumento que estabelece uma

via segura de comunicação interétnica; e, por tudo isso, o futebol xavante é descrito por Fedola como um “rito de auto-alteração e identificação”, na medida em que demonstra, por parte dos xavantes, “movimentos na direção da alteridade dos brancos, constatações de que se está indo ‘longe demais’, refreamentos e uma identidade que se produz nesta dinâmica” (p. 299).